

## FORNADA DO MILÊNIO

# O bufê das contradições

GERALD THOMAS  
de Nova York

Numa sala pequena em um dos muitos prédios da Universidade de Nova York, um grupo de artistas e intelectuais se reunia, informalmente, para homenagear Jerzy Grotowski, que morreu na semana passada.

Entre os presentes, a figura inesperada de Arthur Miller, cuja prática teatral chega a ser o extremo oposto da filosofia e militância do mestre polonês, morto recentemente.

Na verdade, a sala congregava uma eclética variedade de pessoas, desde os mais "modernos" performers e sobreviventes de extintas companhias teatrais, como o Living Theater e o Open Theater (que, aliás, devem muito de sua estética às descobertas de Grotowski), até professores, teóricos e críticos. Mas quem roubava o foco de atenção era, definitivamente, Arthur Miller.

**Caos**

Foi Miller, aliás, quem, ao pegar o microfone, logo no início da noite, fez a descrição mais brilhante do teatrólogo polonês, comparando-o a Artaud (um dos primeiros a desnudar o teatro de sua pompa aristocrática) e citando uma entrevista de Samuel Beckett, do início dos anos 60, em que o gênio irlandês dizia que, com o desaparecimento gradual da narrativa aristotélica no teatro, o "artista do futuro teria que se habituar ao caos e fazer dele a sua coerência".

Miller, citando Beckett, foi preciso ao descrever o homenageado. Visto em retrospecto, esse "artista do futuro" foi Grotowski, que fez do caos de uma Polônia pós-Guerra, arruinada e sem fronteiras definidas, desossada pelas sucessivas invasões, seu "laboratório" teatral, seu "caldeirão essencial".

Desse caos Jerzy Grotowski criou um protótipo cênico pobre, despojado, que acabou tornando possível a formação de milhares de grupos teatrais no mundo inteiro, que, nas condições políticas e econômicas mais adversas, viabilizavam os seus sonhos em porões, garagens, estábulos e praças públicas.

**"State of the Union Address"**

Aplaudido, Miller olhou o relógio (eram 20h30) e saiu correndo. O evento mal havia começado. Quando olhei em volta, notei que muitos faziam o mesmo que ele.

Quarenta e cinco minutos após seu início, só restavam pouquíssimos. E, mesmo assim, esses pareciam se concentrar em volta de uma mesa enorme, encostada numa parede ao fundo da sala, coberta por um plástico vermelho, com uns parques salgados, um bule de café morno e alguns biscoitos descoloridos (uma espécie de "bufê dos pobres" — talvez homenagem acidental à ideologia do teatro pobre de Grotowski).

Numa das extremidades desse bufê, um aparelho de televisão enorme, ligado e sem volume, roubava a atenção dos poucos que, ao microfone, liam longas poesias, contavam histórias e homenageavam seu herói com pequenas acrobacias, mímicas ou momentos musicais.

As 21h em ponto, todos, inclusive eu, estavam em volta da TV. Era hora do "State of the Union Address", o relato sobre o Estado da União que o presidente faz no Congresso algumas vezes por ano.

Normalmente esse discurso não gera correrias nem maiores euforias, e os norte-americanos que não o vêem ao vivo podem ler sua transcrição nos jornais do dia seguinte.

Aliás, em outros governos, poucos se interessavam. Mas esse "State of the Union Address" era diferente.

Essa era a primeira vez, desde que o Congresso votou pelo seu impeachment, que Clinton estaria, frente a frente, com os políticos que ora definem seu futuro. Espetáculo imperdível.

**Presidente pop**

Pobre Grotowski! Teve a sorte de ter sua homenagem marcada na mesma hora em que Clinton falava à Nação.

Foi uma noite vazia nos teatros, cinemas e restaurantes. O lbope do "State of the Union Address" estourou, com índices somente com-

paráveis aos de programas como "Seinfeld" e poucos outros.

Clinton, aliás, se transformou em algo muito além de um mero mito presidencial.

Com uma popularidade sem precedentes nos últimos 50 anos, Clinton estava transformando a vida política cotidiana num verdadeiro palco pop.

Sim, Clinton virou um pop star, com todo o menu de escândalos e controvérsias a que tem direito. Suas meias verdades, seu carisma inacreditável e sua plataforma política não deixam dúvidas de que se trata de um "jovem". E, assim como acontece com a popularidade de um jovem pop star, Clinton acaba lucrando com seu "mau"

comportamento, sua conduta de "bad boy" polêmico.

Seus detratores (o partido Republicano) passam a ser vistos como os "velhos". Aqueles que discordam dele passam a ser os "hipócritas" conservadores.

Para o desprazer dos republicanos, o "State of the Union Address" foi um enorme sucesso. Num "senta-levanta" praticamente aeróbico, deputados e senadores interromperam o discurso quase uma centena de vezes para aplaudir, ovacionar o presidente.

Mesmo sendo esse aplauso, na maior parte das vezes, um mero protocolo, um ritual que geralmente distrai e tira a concentração dos assuntos reais, no estado crítico

em que Clinton se encontra frente à comunidade conservadora de Washington ele não deixa de ser surpreendente.

**O último ato hipócrita**

Um a um dos pop stars e artistas de uma espécie ou de outra vêm a público diariamente reiterar seu apoio a Clinton e condenar esse julgamento no Senado como sendo o "último ato hipócrita" do milênio.

Madonna avisou, no "Larry King Live", que assistiria ao discurso, e declarava seu fascínio por Clinton.

Mesmo Pat Robertson, líder religioso conservadoríssimo, declarou, logo após o término do "State

of the Union Address", que as acusações que ora pesam sobre Clinton tinham que ser esquecidas, perdoadas, e que o país deveria voltar à sua vida normal. Ufa, quem diria!

Tudo que diz respeito a Clinton tem o cheiro e a forma de um show. Hoje mesmo, um dia após a homenagem a Grotowski e o discurso do presidente, o Senado norte-americano ficou paralisado, boquiaberto perante a jovem, negra, bela e sensual advogada de Clinton, Cheryl Mills, enquanto ela demonstrava, pacientemente, que as ofensas de Clinton não são crimes e dependem unicamente de interpretação. Isso é coisa do tea-

tro, não é? A estratégia da Casa Branca é brilhante como um ensaio geral bem-sucedido, e sua protagonista de hoje, Cheryl Mills, representa, em carne e osso, a platéia que adora Clinton.

O que Clinton e Grotowski têm em comum? Nada. Clinton não estudou teatro, mas soube fazer de Washington um laboratório que revolucionou as regras de conduta para sempre.

Segundo o mestre polonês, para fazer teatro precisa-se ter "um pé na merda e outro na lama". Pelo jeito, com meio pé na lama, Clinton já está conseguindo viver seu momento de glória pop.

E-Mail: geraldthomas@uol.com.br